

# A TEORIA PÓS-COLONIAL NA AMÉRICA LATINA

## *POSTCOLONIAL THEORY IN LATIN AMERICA*

### **Eduardo de Oliveira Soares Real**

Advogado. Doutorando em Política Social e Direitos Humanos/UCPEL. Pesquisador do GEMIGRA/UCPEL. E-mail: eduardoosreal@gmail.com

#### **RESUMO:**

A teoria pós-colonial tem-se mostrado muito presente na América Latina. Este artigo tem como objetivo estudar como a teoria pós-colonial tem compreendido a América Latina. Foi realizada uma revisão bibliográfica para que o objetivo deste trabalho fosse atingido. A primeira parte do artigo traz o conceito de pós-colonialismo como um movimento múltiplo, mas que possui um ponto de convergência, que consiste em trazer a visão de mundo do colonizado, de modo que este venha a desconstruir a perspectiva do colonizador. Os primeiros autores a debater sobre o colonialismo foram: Aimé Césaire, Frantz Fanon, Albert Memmi e Edward Said. A partir da década de 1990, esta teoria é trazida para a América Latina, sendo seus principais nomes Enrique Dussel, Aníbal Quijano e Walter D Mignolo. Estes autores trouxeram conceitos como o colonialismo como parte constitutiva da modernidade e

as relações coloniais de poder, como formas de repressão. Conclui-se que a teoria pós-colonial surge para explicar a realidade dos países que haviam sido colonizados, a partir da perspectiva das epistemologias destes. Inicialmente, a partir da visão dos colonizados africanos e do oriente e posteriormente os da América Latina.

#### **PALAVRAS-CHAVE:**

Teoria pós-colonial. América Latina. Colonialismo.

#### **ABSTRACT:**

Postcolonial theory has been very present in Latin America. This article aims to study how postcolonial theory has understood Latin America. A bibliographical review was carried out so that the objective of this work

was achieved. The first part of the article brings the concept of post-colonialism as a multiple movement, but which has a point of convergence, which consists of bringing the colonized's worldview, so that it deconstructs the colonizer's perspective. The first authors to debate colonialism were: Aimé Césaire, Frantz Fanon, Albert Memmi and Edward Said. From the 1990s onwards, this theory was brought to Latin America, with its main names being Enrique Dussel, Aníbal Quijano and Walter Dignolo. These authors brought concepts such as colonialism as a constitutive part of modernity and colonial power relations as forms of repression. It is concluded that the postcolonial theory emerges to explain the reality of the countries that had been colonized, from the perspective of their epistemologies. Initially, from the perspective of the African and Eastern colonized and later those of Latin America.

**KEYWORDS:**

Postcolonial theory. Latin America. Colonialism.

# 1 INTRODUÇÃO

A teoria pós-colonial tem-se mostrado muito presente na América Latina. O presente trabalho busca estudar como a teoria pós-colonial tem sido debatida na América Latina.

Foi realizada uma revisão bibliográfica, por meio de artigos e livros, para o que objetivo do presente trabalho fosse atingido. Os principais autores utilizados foram Luciana Ballestrini (2013), John McLeod (2010), Jórissa Danilla Nascimento Aguiar (2016) e Damián Pachón Soto (2008).

Inicialmente o artigo trata da origem da teoria pós-colonial, desde o seu conceito, o local de surgimento até os primeiros autores pós-coloniais. Após esta discussão será debatido como alguns autores latino-americanos têm entendido a teoria pós-colonial. Por fim serão apresentadas as conclusões do presente trabalho.

## 2 A TEORIA PÓS-COLONIAL

Segundo Luciana Ballestrin (2013), compreende-se pelo termo “pós-colonialismo” essencialmente dois significados. O primeiro trata do tempo histórico subsequente aos processos de descolonização do denominado “terceiro mundo”, desde a metade do século XX. Momentaneamente, tal noção diz respeito, por conseguinte, à independência, libertação e emancipação das sociedades oprimidas pelo imperialismo e neocolonialismo – com ênfase na África e na Ásia. O outro significado da palavra trata de uma totalidade de contribuições teóricas provenientes principalmente dos estudos literários e culturais, que a datar dos anos 1980 passaram a ter destaques em certas

universidades dos Estados Unidos e da Inglaterra.

Entre os diversos “pós”, o “pós-colonialismo” é igualmente um movimento múltiplo, abrangendo um complexo de contribuições teóricas que oscilam do marxismo gramsciano ao pós-estruturalismo de Derrida. Seu ponto de intersecção é delinear uma visão desarticulada ou descentrada do mundo, como se o colonizado fosse capaz agora de desconstruir a perspectiva do colonizador, não a partir de um dualismo ou de simples contradições, mas do jogo de distinções e imprecisões nas relações culturais e de poder aí implantadas (HAESBAERT, 2004).

Como várias teorias guiadas pelo “pós”, o pós-colonialismo se transformou em um tipo de “moda” acadêmica, tendo passado a fazer parte tardiamente nas ciências sociais brasileiras. Costa defendeu que o pós-colonialismo compactua, no contexto de suas diferentes visões, do “caráter discursivo do social”, do “descentramento das narrativas e dos sujeitos contemporâneos”, do “método da desconstrução dos essencialismos” e da “proposta de uma epistemologia crítica às concepções dominantes de modernidade” (COSTA, 2006).

As teorias do discurso colonial têm sido consideradas fundamentais para o desenvolvimento do pós-colonialismo como estudo acadêmico. De maneira genérica, elas exploram os caminhos que a representação e o modo de percepção são utilizados como armas de colonização do poder para manter os povos colonizados sob o domínio das normas coloniais (MCLEOD, 2010).

O colonialismo é estabelecido em parte ao explicar para aqueles que vivem na metrópole a ideia de que é correto e conveniente governar outros povos e fazer com que os colonizados aceitem seu status de inferioridade na ordem colonial das coisas - um processo que pode ser denominado de 'colonizando a mente'. Portanto, é possível afirmar que o colonialismo estabelece as maneiras de refletir. Ele age induzindo as pessoas a absorver sua ideia e falar sua linguagem; implantar os valores e suposições dos colonizadores quanto ao modo como entendem e representam o mundo (MCLEOD, 2010).

Na década de 1950, surgiram diversas pesquisas importantes que buscaram registrar os danos psicológicos dos quais eram vítimas os povos colonizados que adotaram esses discursos coloniais. Proeminente foi o psiquiatra Frantz Fanon, que redigiu ampla e apaixonadamente sobre os danos que o colonialismo francês causou a milhões de pessoas que sofreram com seu poder (MCLEOD, 2010).

Frantz Fanon integra um conjunto de autores precursores do argumento pós-colonial, cujas primeiras elaborações podem ser observadas pelo menos desde o século XIX na América Latina (BALLESTRIN, 2013).

Ainda que não sequencial, disciplinado e articulado, o fundamento pós-colonial em toda sua dimensão histórica, temporal, geográfica e disciplinar reparou a distinção colonial e colocou-se ao lado do colonizado. Em essência, foi e é uma corrente comprometida com a

superação das relações de colonização, colonialismo e colonialidade. Desse modo, ele não é exclusividade de autores diaspóricos ou colonizados das universidades periféricas (BALLESTRIN, 2013).

A crítica pós-colonial surgiu com aqueles autores qualificados como intelectuais da diáspora negra ou migratória, basicamente imigrantes oriundos de países pobres que vivem na Europa Ocidental e na América do Norte, a crítica literária foi a área pioneira na difusão da perspectiva pós-colonial, sobretudo na Inglaterra e nos Estados Unidos, a partir dos anos de 1980. Após disso, expande-se para outros países e para outras áreas, fazendo as pesquisas de autores como Homi Bhabha, Edward Said, Gayatri Chakravorty Spivak ou Stuart Hall e Paul Gilroy referências comuns em outros países dentro e fora da Europa (COSTA, 2006).

A teoria pós-colonial molda, sobre a evidência – diga-se, banalizada pelas discussões entre estruturalistas e pós-estruturalistas – de que toda proposição tem origem em algum lugar, sua crítica ao modo de produção do conhecimento científico que, ao dar preferência a modelos e conteúdos próprios ao que se conceituou como a cultura nacional nos países da Europa, reiteraria, em outras palavras, o fundamento da relação colonial (COSTA, 2006).

Os estudos pós-coloniais envolvem certas questões de classe e das atinentes maneiras de opressão das elites coloniais e dominantes e também das teorias culturalistas, no que diz respeito aos diferentes modos de opressão e

discriminação dos diversos excluídos. Entendem a modernidade a partir de outro lugar, priorizando a obrigação de fazer uma reinterpretação do processo de colonização (AGUIAR, 2016).

O pós-colonialismo como movimento político, intelectual e interdisciplinar teve como pioneiros: Albert Memmi, com o seu livro “Retrato do colonizado precedido do retrato do colonizador, publicado em 1947, Aimé Cesaire, com sua obra “Discurso sobre o colonialismo”, publicado em 1950, Frantz Fanon com o seu livro “Os condenados da terra”, publicado em 1968. Contudo, foi com a obra de Edward Said “Orientalismo: o oriente como invenção do Ocidente”, que foi divulgado o questionamento do pensamento ocidental (AGUIAR, 2016).

Em seus livros, Said dedicou-se, principalmente, em aumentar a área de debate, descrevendo uma conjuntura de história, cultura e realidade socioeconômica, pensando sempre a partir de experiências reais (AGUIAR, 2016).

Said estudou como o conhecimento que as potências imperiais ocidentais construíram sobre suas colônias auxiliaram incessantemente a justificar sua subjugação. Os países do ocidente como a França e a Grã-Bretanha, defendia ele, utilizaram muito tempo desenvolvendo conhecimento sobre os territórios que conquistavam. Dando ênfase em representações do Egito e do Oriente Médio em uma diversidade de conteúdos escritos, Said afirmou que remotamente os viajantes ocidentais nessas regiões buscavam aprender muito sobre, ou com os povos originários destes locais. Em vez disso, eles anotavam suas interpretações com base em

pressupostos comumente aceitos sobre "o Oriente" como um local mítico de exotismo, frouxidão moral, degeneração sexual e assim por diante (MCLEOD, 2010).

Essas observações (que na realidade não eram observações) foram tidas como verdades científicas que, como consequência, eram utilizadas para justificar a própria propriedade da dominação colonial. Desta forma, o colonialismo permaneceu: o poder colonial foi auxiliado pela produção de conhecimento acerca das culturas colonizadas que criaram continuamente uma imagem adulterada do Oriente para os do Ocidente. Com o Oriente tido como inferior, sua colonização poderia ser explicada em termos brandos ou morais, como uma maneira de divulgar os benefícios da civilização ocidental e salvar os povos nativos de sua própria barbárie percebida (MCLEOD, 2010).

Na mesma época em que surgiu o pensamento pós-colonial nascia outro movimento de grande relevância que acabou por fortalecer a teoria pós-colonial como um movimento epistêmico, intelectual e político. Na década de 1970, era fundado no sul da Ásia o Grupo de Estudos Subalternos, cujo líder era Ranajit Guha, um divergente do marxismo indiano, que tinha como principal projeto “analisar criticamente não só a historiografia colonial da Índia realizada por ocidentais europeus, mas também a historiografia eurocêntrica nacionalista indiana” (GROSGOUEL, 2008, p.116), assim como a historiografia do marxismo ortodoxo (CASTRO-GÓMEZ; MENDIETA, 1998).

Nos anos 1980, a discussão pós-colonial foi expandida na área da crítica literária e das pesquisas culturais na

Inglaterra e nos Estados Unidos, cujos principais nomes citados no Brasil são Homi Bhabha (indiano) autor do livro “O local da cultura”, Stuart Hall (jamaicano) autor da obra “Da diáspora” e Paul Gilroy (inglês) autor do livro “Atlântico negro”. Todas estas obras foram traduzidas para o português e tiveram impacto nas ciências sociais brasileiras (BALLESTRIN, 2013).

### 3 A TEORIA PÓS-COLONIAL NA AMÉRICA LATINA

A origem da teoria pós-colonial na América Latina, está relacionada ao processo de surgimento do Grupo Modernidade/Colonialidade, na década de 1990. Em 1992, um conjunto de intelectuais latino-americanos que viviam nos Estados Unidos criaram o Grupo Latino-Americano dos Estudos Subalternos. Influenciados principalmente pelo Grupo Sul-Asiático de Estudos Subalternos, o estatuto do novo grupo foi publicado na revista *Boundary 2*. Em 1998, Santiago Castro-Gómez traduziu o documento para o espanhol como “Manifiesto inaugural del Grupo Latinoamericano de Estudios Subalternos”. Desta forma, a América Latina passou a fazer parte do debate pós-colonial (BALLESTRIN, 2013).

É necessário afirmar que o grupo debate as contribuições individuais de seus membros e esses novos conceitos são discutidos. Dependendo do caso, eles são bem recebidos pelo grupo. Portanto, descobre-se conceitos que estão se tornando populares entre seus membros. De acordo com isso, é possível encontrar figuras principais no grupo e outras menores que tiveram uma menor participação ou, talvez, tenham colaborado

em menor grau teoricamente. É evidente que as figuras centrais do coletivo são o filósofo argentino Enrique Dussel, o sociólogo peruano Aníbal Quijano e o semiólogo argentino-americano e teórico cultural Walter D. Mignolo, que colaboraram com os conceitos que se tornaram o ponto de partida para outros membros (SOTO, 2008).

Por que o modelo de modernidade/colonialidade é estudado? A resposta é simples, porém a riqueza conceitual e que surge deste paradigma é útil analiticamente: “la colonialidad es constitutiva de la modernidad, y no derivativa” (MIGNOLO, 2005, p. 61).

Este é um princípio básico do grupo que tem como objetivo desmistificar, uma leitura rasa e eurocêntrica, onde o colonialismo aparece como uma derivação da modernidade, ao mesmo tempo em que, contribui apenas com recursos e mão de obra para a formação do capitalismo global (SOTO, 2008).

Trata-se de um processo horizontal, sem colonialidade não há modernidade, sendo o contrário também verdadeiro, são duas faces de uma mesma moeda. Em virtude da colonialidade, a Europa pode desenvolver um modelo padrão de ciências humanas, válido para todo mundo, ignorando os conhecimentos existentes da periferia. O Grupo Modernidade/Colonialidade propõe a desconstrução da perspectiva tradicional da modernidade, com ênfase no colonialismo, nas culturas e epistemologias subalternizadas não-europeias e uma crítica ao eurocentrismo (SOTO, 2008).

O Grupo Modernidade/Colonialidade se baseia em correntes latino-americanas, mas também de correntes europeias e norte-americanas, podemos ter como exemplo: a teologia da libertação, a teoria da dependência, a filosofia da libertação, estudos pós-coloniais, estudos culturais, estudos subalternos, marxismo, discussões sobre a América Latina sobre modernidade (SOTO, 2008)

O conceito de modernidade/colonialidade se baseia em um conjunto de operações que o diferenciam das teorias desenvolvidas pela modernidade. Entre as teorias da modernidade/colonialidade estão: 1) ênfase em localizar as origens da modernidade na Conquista da América, a partir de 1492, contrariando as teorias majoritárias que defendem o início da modernidade com o Iluminismo ou no final do século XVIII; 2) uma atenção especial ao colonialismo e ao avanço do sistema mundial capitalista como formadores da modernidade; 3) em consequência, a adoção de uma perspectiva planetária para se compreender a modernidade, ao invés de uma teoria intra-europeia; 4) a identificação da dominação de outros fora do centro europeu como uma necessária dimensão da modernidade, com simultaneamente a subalternização do conhecimento e as culturas de outros grupos; 5) um conceito de eurocentrismo como um modo de conhecimento da modernidade/colonialidade, uma ideia dominante e uma maneira de cognição que questiona sua própria universalidade em “uma confusão entre uma universalidade abstrata e o mundo concreto derivado da posição europeia como centro” (DUSSEL, 2000, p.471; QUIJANO, 2000, p.549).

Alguns conceitos chaves que formam o objeto de estudo deste grupo de pesquisa são: o sistema mundo moderno colonial como a construção de processos e formações sociais que seguem o colonialismo moderno e as modernidades coloniais, mesmo que estruturalmente heterogêneo, articula os principais modos de poder em um sistema. “Colonialidade do poder”(Quijano), um modelo dominante global, instituído desde a conquista da América, que vincula raça e trabalho, espaços e pessoas, conforme as demandas do capital e os benefícios dos brancos europeus. “Diferença colonial e colonialidade global” (Mignolo), as quais se referem ao conhecimento e dimensões culturais do processo de subalternização provocado pela colonialidade do poder, a diferença colonial traz as diferenças culturais nas estruturas globais de poder. “Colonialidade do ser” (mais recentemente sugerido por Nelson Maldonado-Torres nos debates em grupo) como a dimensão ontológica da colonialidade em ambos os lados do encontro (ESCOBAR, 2003).

A perspectiva da modernidade/colonialidade prevê um quadro alternativo para as discussões sobre modernidade, globalização e desenvolvimento, não é apenas uma mudança na descrição de eventos, é uma transformação epistêmica nesta visão. Ao debater sobre a diferença colonial, este quadro destaca a dimensão do poder que frequentemente não aparece nos debates relativistas sobre a diversidade cultural. O grupo de estudos Modernidade/Colonialidade é um enquadramento criado a partir do sistema mundo moderno colonial, auxiliando a explicar as dinâmicas do eurocentrismo na construção

da modernidade e nas tentativas de superá-la. O grupo mostra o labo obscuro da modernidade, mas não de maneira intraepistêmica, como os discursos europeus, mas sim de uma perspectiva dos colonizados sobre os supostos benefícios do mundo moderno (ESCOBAR, 2003).

## 4 CONCLUSÕES

O presente trabalho teve como objetivo analisar como a teoria pós-colonial tem sido debatida na América Latina.

A primeira parte do artigo analisa a origem das teorias pós-coloniais. Estas tiveram como seus principais precursores Aimé Cesaire, que teve como sua principal obra “Discurso sobre o colonialismo”; Frantz Fanon que teve como sua principal obra “Os condenados da terra” e Albert Memmi com sua grande obra “Retrato do colonizado precedido do retrato do colonizador”. No entanto, foi com o livro de Edward Said “Orientalismo; o oriente como invenção do ocidente” que passou a questionar todo o pensamento ocidental. Em suas obras criticou a visão eurocêntrica, em relação aos países do oriente, e que o ocidente precisava aprender mais sobre o oriente, pois esses possuíam uma visão equívoca a respeito deste.

A partir do início da década de 1990, a teoria pós-colonial chegou à América Latina através do Grupo Modernidade/Colonialidade, composto em sua maioria por pesquisadores latino-americanos radicados nos Estados Unidos. Os três principais membros deste grupo foram Enrique Dussel, Aníbal Quijano e Walter D. Mignolo.

O grupo criticou os teóricos que defendiam que a colonialidade surgiu a partir do início da modernidade. Segundo os membros do grupo, a colonialidade é que deu origem a modernidade e o seu marco inicial seria a Conquista da América em 1492, ao contrário de outros pensadores que afirmam que o Iluminismo é o marco inicial da modernidade.

Conclui-se que a teoria pós-colonial surge para explicar a realidade dos países que haviam sido colonizados, a partir da perspectiva das epistemologias destes. Inicialmente, a partir da visão dos colonizados africanos e do oriente e posteriormente os da América Latina.



## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Jórisa Danilla Nascimento. "Teoria pós-colonial, Estudos Subalternos e América Latina: uma guinada epistemológica?". **Estudos Sociológicos**, Araraquara, v.21, n.41, p. 273-289, jul./dez. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/8659>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

BALLESTRIN, Luciana. "América Latina e o giro decolonial". **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 11, p.89-117, ago. 2013.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago; MENDIETA, Eduardo. "Introducción: la translocalización discursiva de Latinoamérica en tiempos de la globalización". In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; MENDIETA, Eduardo (orgs.). **Teorías sin disciplina: latinoamericanismo, poscolonialidad y globalización en debate**. México: Miguel Ángel Porrúa, 1998.

COSTA, Sérgio. "Desprovincializando a Sociologia: A contribuição pós-colonial". **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.21, n.60, p.117-134, fev. 2006. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/107/10706007.pdf>>. Acesso em: 5 ago. 2020.

DUSSEL, Enrique. "Europe, Modernity, and Eurocentrism". **Nepantla**, v.1, n.3, p. 465-478, 2000.

ESCOBAR, Arturo. "Mundos y conocimientos de otro modo". **Tabula Rasa**, Bogotá, n.1, p. 51-86, jan./dez. 2003. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/396/39600104.pdf>>. Acesso em: 24 ago. 2020.

GROSGOUEL, Ramón. "Para descolonizar os estudos de economia política e os

estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global". **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 80, p. 115-147, 2008.

HAESBAERT, Rogério. "Pós-Colonialismo". **GEOgraphia**, Rio de Janeiro, v.6, n.12, p.145-148, 2004. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13486/8686>>. Acesso em 5 ago. 2020.

MCLEOD, John. **Beginning postcolonialism**. 2ªed. Nova York: Macmillan University Press, 2010. 198p.

MIGNOLO, D. Walter. "La colonialidad a lo largo y a lo ancho: el hemisferio occidental en el horizonte colonial de la modernidad". In: LANDER, Edgardo (org.). **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales: Perspectivas Latinoamericanas**. Buenos Aires, Clacso, 2005.

QUIJANO, Aníbal. "Coloniality of Power, Ethnocentrism, and Latin America". **Nepantla**, v.1, n.3, p. 533-580, 2000.

SOTO, Damián Pachón. "Nueva perspectiva filosófica en América Latina: el grupo modernidad/Colonialidad". **Ciencia Política**, Bogotá, n.5, p.8-35, jan./jun. 2008. Disponível em: <<https://revistas.unal.edu.co/index.php/cienciapol/article/view/17029>>. Acesso em: 24 ago. 2020.